

TEXTOS, SUJEITOS E DISCURSOS: APROPRIAÇÃO DE TEXTOS DE CIÊNCIAS POR FORMADORES DE PROFESSORES¹

TEXTS, SUBJECTS AND DISCOURSES: SCIENCE TEXTS APPROPRIATION BY TEACHER EDUCATORS¹

Isabel Martins¹

Guaracira Gouvea², Máira Jansen³, Letícia Terreri⁴, Andre Fernandes⁵, Adriana Assumpção⁶

¹UFRJ/ Programa de Pós-graduação Tecnologia Educacional nas Ciências e na Saúde, isabelgrmartins@uol.com.br

²UFRJ/ Programa de Pós-graduação Tecnologia Educacional nas Ciências e na Saúde, guaracirag@uol.com.br

³UFRJ/ Programa de Pós-graduação Tecnologia Educacional nas Ciências e na Saúde, mjansen7@gmail.com, apoio CAPES/DS

⁴UFRJ/IB e NUTES, leterreri@yahoo.com.br, apoio CNPq/PIBIC

⁵UFRJ/IB e NUTES, andrevfs@hotmail.com

⁶UFRJ/ Programa de Pós-graduação Tecnologia Educacional nas Ciências e na Saúde, adrianaassumpcao@ig.com.br

RESUMO

Este trabalho apresenta e analisa apropriações de textos realizadas por dinamizadores de oficinas para professores de ciências, com o objetivo de identificar como os primeiros transitam entre os discursos dos campos científico e pedagógico nessas práticas educacionais. Para tal, utilizamos entrevistas gravadas e observações videogravadas dessas oficinas e, em consonância com um referencial teórico fundamentado em Bourdieu, realizamos as análises dos nossos dados. Observamos que durante as oficinas são produzidos discursos híbridos, característicos de *habitus* lingüísticos do campo científico e do campo pedagógico, destacando-se a hegemonia de um deles, associado às articulações que o dinamizador realiza a partir de seu capital cultural e social. Discutimos a necessidade e a possibilidade de buscar a desestabilização desse *habitus* bem como a proposta de que, por meio de uma intensa troca entre os campos científico e pedagógico, torne-se possível, aos agentes sociais envolvidos, a acumulação de novas formas de capital social e cultural.

Palavras chave: apropriação, discurso científico, discurso pedagógico, formação continuada, educação em ciências

ABSTRACT

This research analyses processes in which texts are appropriated by a group of Brazilian science educators in the context of continuing education workshops for science teachers. Our main goal is to discuss how science educators deploy discourses related to both scientific and pedagogic fields in these practices. Data consist of interviews and video recordings of the workshops and the analyses conducted were structured around key concepts present in Bourdieu's oeuvre. Results show that hybrid discourses, related to the linguistic *habitus* of both scientific and pedagogical fields, are produced during the observed workshops. Also, there seems to be hegemony of one of such fields, usually associated to the science educators' social and cultural capital. Our discussion problematizes the need and the possibilities for de-stabilising such *habitus*.

Keywords: appropriation, scientific discourse, pedagogical discourse, continuing education, science education

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta algumas considerações acerca dos processos de apropriação realizadas no contexto da pesquisa *Textos, sujeitos e discursos: apropriação de textos relacionados ao discurso científico por professores de ciências no espaço escolar e extra-escolar* (MARTINS, 2002). O objetivo desta investigação é identificar como os professores de Ciências transitam entre os discursos dos campos científico e pedagógico nos processos de mediações em suas práticas educacionais; identificar as condições sociais de produção desses discursos e os esquemas de apropriação discursiva. Nesse sentido, investigamos os movimentos de apropriação por professores de uma diversidade de textos relacionados ao discurso científico em espaços educativos. No presente trabalho, buscamos caracterizar aspectos constitutivos dos discursos no contexto da atuação profissional de um grupo de docentes em sua participação como dinamizadores de oficinas de formação continuada. Para tal, utilizamos entrevistas gravadas e observações videogravadas de forma a apreender aspectos verbais e não-verbais das construções discursivas dos sujeitos de nossa pesquisa. A partir destes registros, e em consonância com um referencial teórico metodológico que explora as relações entre discurso, ciência e ensino, realizamos as análises dos nossos dados.

O CENÁRIO EMPÍRICO

O cenário empírico da investigação consistiu de oficinas de educação continuada realizadas em um evento para professores de ciências. Oficinas pedagógicas são espaços onde conhecimentos científicos e pedagógicos são (re)elaborados discursivamente e que pressupõem apropriação de conhecimentos e a construção de novos saberes sobre o ensino das ciências na escola. (PRALON e GOUVÊA, 2004).

Foram videogravadas cinco oficinas realizadas: *Ciclagem de Nutrientes; O Detetive; Orientação Sexual; Luz e cor, arte e ciência na sala de aula; Transformações ambientais no Rio de Janeiro* realizadas durante o II Encontro do Projeto Fundão Biologia e do 30º Encontro do Projeto Fundão, em 2004. O Projeto Fundão (PF), com uma trajetória de mais de 15 anos na área do ensino das ciências, sempre buscou oferecer um espaço de formação permanente aos professores em serviço, contribuindo também para a formação inicial dos licenciandos. Uma das unidades vinculadas ao PF é o Projeto Fundão Biologia¹(PFBio). Neste trabalho, apresentamos a análise das duas primeiras oficinas descritas abaixo.

Ciclagem de Nutrientes – esta oficina foi ministrada por um grupo de quatro educadores ambientais que inclui professores de ciências e ecólogos. A oficina consistiu da apresentação, realização e avaliação de um jogo, concebido e elaborado pelos professores formadores, como proposta de estratégia didático-pedagógica para aprendizagem de conceitos científicos relacionados à ciclagem. Sua realização envolveu etapas relacionadas à uma discussão sobre a seleção de conteúdos sobre ciclagem de nutrientes, considerações acerca de abordagens metodológicas, negociações de sentidos e interações do grupo. Foi realizada em uma sala com a participação de oito professores de ciências do ensino fundamental e médio e teve duração de aproximadamente duas horas.

Orientação Sexual – esta oficina foi realizada por uma professora pertencente à equipe do PFBio, que apresentou e discutiu questões relativas à orientação sexual e sua inserção no currículo escolar como um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, além

¹ Informações sobre o projeto Fundão Biologia encontram-se disponíveis na página <http://www.nacd.biologia.ufrj.br/loi.htm>; <http://www.im.ufrj.br/extensao/projfundao.php>

de possibilidades didáticas da apresentação desse tema. A oficina foi realizada em uma sala de aula, e utilizou diferentes recursos didáticos. Participaram três professores e teve uma duração de cerca de duas horas.

CONSTRUÇÃO DE DADOS

A partir de uma perspectiva que considera a pesquisa como interação discursiva consideramos que o processo de construção de dados se dá em diferentes níveis (MARTINS *et al.*, 2005). As próprias imagens registradas pela filmadora, por representarem um ponto de vista particular da situação, constituem um primeiro nível da construção dos nossos dados. Entendemos ainda que as oficinas podem ser consideradas como um texto, na medida que materializam discursos sobre formação continuada de professores de ciências, revelam e constituem processos de apropriação de textos relacionados ao discurso científico, entre eles aqueles produzidos no contexto da ciência, da divulgação e do ensino.

O segundo nível da construção é mediado por ferramentas metodológicas que organizam e sistematizam as interações discursivas, constroem narrativas, definem eventos de interesse e episódios para análise. Neste trabalho nossos dados foram construídos em diferentes etapas que incluíram a videogravação das oficinas, a construção de mapas de evento e transcrições de interações selecionadas. Mapas de eventos são ferramentas metodológicas muito utilizadas em pesquisas da área da etnografia interacional (GREEN *et al.* 2003). Eles podem ser utilizados para representar como o tempo é gasto e como o espaço interacional é utilizado pelos participantes. Além disso, permitem contar a história de ações e interações realizadas por determinado grupo em uma atividade e auxiliar na identificação de relações intertextuais que são construídas no decorrer dos eventos e do tempo (NUNES-MACEDO *et al.*, 2004). Assim, por meio da sua elaboração, inicia-se um processo de recortar a realidade registrada e sistematizá-la, de forma que se possam obter respostas para as questões de investigação (MARTINS *et al.* 2005).

O mapa de eventos é realizado textualmente na forma de uma tabela construída com um certo número de colunas determinado pelo pesquisador que escolhe suas categorias orientadoras da análise e com número de linhas que correspondem aos momentos das interações discursivas ocorridas em um evento. Nos mapas por nós elaborados no contexto desta investigação, as linhas correspondem a recortes específicos de momentos diferenciados do desenvolvimento das atividades registradas: a apresentação dos participantes e da oficina, o desenvolvimento das atividades, a finalização e avaliação da oficina. A coluna **tempo** indica a duração de cada evento discursivo em questão. A escolha dos critérios que delimitam um **evento** marca fronteiras para o recorte de episódios, processo este que é influenciado por nossos objetivos e questões de pesquisa, bem como pela dinâmica de atividades realizadas durante oficina. As **etapas** são subdivisões que podem caracterizar distintos momentos dentro de um mesmo evento e onde ocorre a caracterização de sub-eventos delimitáveis no que diz respeito a diferenças no conteúdo dos discursos, na sua origem e no tipo de linguagem utilizada. A coluna **conteúdo** relaciona-se a aspectos da heterogeneidade do discurso e identifica as enunciações em questão, particularmente com referência a conteúdos de ciências naturais (CN) e didático-pedagógicos (DP). Desta forma pudemos mapear alguns dos discursos que constituem os eventos e selecionar os que podem potencialmente esclarecer os processos de apropriação. A coluna **origem** nos revela a origem dos turnos, se são individuais ou coletivos, enquanto na coluna **linguagem**, identificamos a presença de referências ou termos específicos relacionados a diferentes gêneros de discurso (científico, pedagógico, cotidiano, midiático) e estilos de linguagem (formal ou coloquial). Registramos aspectos das condições imediatas de produção de cada evento, entre elas, as interações e o uso do espaço na coluna **contexto**. Finalmente, reservamos o espaço da coluna **comentários** para observações sobre quaisquer aspectos relacionados nas colunas citadas anteriormente. Para cada oficina foi elaborado um mapa de eventos. Abaixo, segue um trecho de um mapa de eventos elaborado para a oficina de “Ciclagem de Nutrientes”.

Tabela 1: Trecho do mapa de eventos elaborado a partir da gravação da oficina Ciclagem de Nutrientes oferecida no II Encontro do Projeto Fundação Biologia

Tempo	Evento	Etapa	Conteúdo			Origem		Linguagem						Contexto	Comentários		
			CN	DP	Outro	Ind.	Col.	Cien.	Pedag.	Discurso de Referência			Estilo				
										Cotid.	Mídia	Outros	Forma			Coloq.	
0-a-21-s	Apresentação das oficinas da manhã				X	X								X		Todos sentados em cadeiras, em círculo.	
22-s-a-1-min-e-49-s	Introdução à oficina de Ciclagem de nutrientes	Apresentação dos dinamizadores			X	X			X	X					X	Todos organizados em círculo, de pé.	Dinamizadora: entonação infantil, diminutivos, gírias
		Entrega dos TCLE			X	X									X		

Uma outra etapa da construção dos nossos dados foi a realização de entrevistas gravadas, *a posteriori* à realização da oficina. Os principais dinamizadores de cada oficina foram entrevistados com o intuito de relacionar as condições sociais de produção dos discursos pedagógico e científico ao longo de sua trajetória profissional com os processos de apropriação destes discursos que se expressam durante a oficina. As entrevistas tiveram duração média de quarenta minutos, foram gravadas em áudio e tinham um formato semi-estruturado no qual eram levantados dados gerais acerca das trajetórias de formação e atuação profissional dos dinamizadores e das fontes e referências que embasaram a elaboração da oficina em questão.

A ANÁLISE

Para o encaminhamento dos procedimentos de análise consideramos apropriação como um processo que envolve duas etapas interdependentes. A primeira é aquela anterior à produção do texto (no caso a oficina) que consiste na assimilação, elaborações e (re)elaborações da temática abordada. Envolve, também, a adequação do tema às expectativas do evento, como público-alvo, tempo, local e objetivo. Essas informações foram mapeadas nas entrevistas com os dinamizadores.

A segunda etapa se realiza durante a oficina, quando são necessárias (re)elaborações a fim de adequar as expectativas às condições reais. Os episódios de (re)elaboração foram identificados por meio da análise dos mapas de eventos.

Ambas as etapas de apropriação são reguladas pelas condições sociais de produção das oficinas que envolvem todos os sujeitos participantes e as condições de elaboração e realização das oficinas.

A análise dos dados construídos foi realizada à luz do referencial teórico de Bourdieu. Nossa opção por este autor se justifica devido às questões que ele traz a respeito da determinação social do sujeito por meio da incorporação de práticas e representações simbólicas dos grupos sociais pelos quais transita ao longo de sua vida. Nesse sentido, as interações são socialmente estruturadas, isto é, as interações se dão por meio de processos comunicativos, onde os agentes da fala ocupam um determinado lugar nessas interações. Assim, suas posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas e representam o lugar social onde realizam suas práticas.

Bourdieu não discute especificamente questões sobre o conceito de *apropriação*. No entanto, ao propor os conceitos de *habitus* (BOURDIEU, 1983a, 1989) e de mercado simbólico,

onde circulam os capitais social, cultural e lingüístico (BOURDIEU,1983,1989 1996), contribui para subsidiar a discussão acerca dos processos de *apropriação*. Além dessas categorias, como estamos nos reportando a elaborações de discursos científicos e pedagógicos, julgamos pertinente apresentar os conceitos de campo, de campo científico (BOURDIEU,1983b) e campo pedagógico, elaborados a partir do entendimento do conceito de campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como estamos interessados em discutir os movimentos de apropriação realizados durante uma prática social – ministrar uma oficina – é necessário apresentar a concepção de Bourdieu (1983d) acerca da teoria da prática. Em uma prática social o agente é sempre considerado em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade, desta forma define-se esta prática como “produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*” (BOURDIEU, 1983a).

De acordo com palavras do próprio autor, *habitus* seria “*um conhecimento adquirido e também um haver, um capital. Indica a disposição incorporada quase postural.*” (BOURDIEU, 1989, p.199) Trata-se de um conjunto de disposições internalizadas e naturalizadas. Estas disposições são também constituídas historicamente (história do indivíduo enquanto agente e ator social) estabelecendo uma relação dialética com as práticas. O *habitus* seria então simultaneamente determinante e determinado pelas práticas sociais (BOURDIEU,1983a).

Nesse sentido, no espaço onde se realizam as práticas sociais, denominado *campo* por Bourdieu (1983b, 1989), agentes ocupam lugares hierarquicamente distintos, manifestando-se relações de poder, estabelecidas a partir do *capital social* que estes agentes possuem Isto significa que “o campo se define como o *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os agentes em torno de interesses específicos que caracterizam o campo”. Cada agente age no interior de um campo socialmente determinado configurando práticas, produto da relação dialética entre situação e *habitus* (definida por nós como *apropriação*). Assim, pode-se estudar um determinado campo por meio das estratégias dos agentes que o compõem e dos sistemas de transformação ou de conservação engendrados.

Neste trabalho, estamos abordando práticas realizadas no campo do ensino, denominado pedagógico, e que podem ter como referência o campo científico. Estes campos são definidos como campo social, “*com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros*” (BOURDIEU, 1983b). No campo científico o capital social se refere à autoridade científica. Os pesquisadores que desfrutam de posições hierarquicamente reconhecidas como dominantes dispõem de maior capital científico – produzem uma ciência considerada legítima quanto ao método; quanto aos temas pesquisados; têm produção reconhecida; ocupam posições superiores na estrutura do campo. No campo pedagógico, o capital social se refere à escola e à disciplina que o agente social (professor) leciona; à origem de sua formação; às suas posições ocupadas nos postos da estrutura de ensino; à sua titulação e à sua filiação pedagógica.

A conceituação de capital em Bourdieu remete a uma analogia com o discurso econômico, onde é possível adquirir, trocar e acumular moedas. No caso dos capitais simbólicos aos quais ele se refere, cada “moeda” possui um valor determinado socialmente. Em um mesmo sujeito estes capitais se articulam, de maneira interdependente, e se sedimentam sob a forma de um *habitus*. Apesar desta interdependência, é possível identificar e caracterizar aspectos inerentes a cada um destes capitais.

Bourdieu (1989) define *capital social* como um conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de inter-reconhecimento, isto é, à vinculação a um grupo. Grupo, segundo o autor, “é um conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis”(BOURDIEU, 1983b). Essas ligações são fundadas em trocas

materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõe o reconhecimento dessa proximidade dos agentes. Pertencer a um grupo proporciona lucros que estão na base da solidariedade que torna possível sua existência, o que não significa que a busca por esses lucros seja consciente. A existência de uma rede de relações não é nem um dado natural nem um “dado social”. É um conjunto de estratégias de investimento social a curto ou longo prazo, necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, ou seja, que podem proporcionar lucros materiais ou simbólicos. O volume do capital social acumulado depende, diretamente, da extensão da rede de relações que o agente pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico ou simbólico) que é de posse de cada um daqueles a quem está ligado (BOURDIEU, 1989).

Para fins deste trabalho, consideramos capital social o conjunto das relações sociais estabelecidas e dos espaços onde essas dinamizadoras circulam, ou circularam, dentro do campo da formação de professores. É justamente esse conjunto de relações e espaços que possibilita o acúmulo de capital social e pode sedimentar-se sob a forma de um *habitus*.

O capital cultural, para Bourdieu (1983, 1989) é um conjunto de disposições e recursos simbólicos que trazem a possibilidade de aquisição de uma cultura erudita, embora Bourdieu reconheça que as disposições marcadas com um valor negativo em um determinado mercado podem ter um valor positivo em outro. Este capital só existe, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam no interior do campo, quando os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem deste capital. O capital cultural existe em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado (BOURDIEU 1998).

No estado incorporado, existe sob a forma de disposições duráveis do organismo. Fundamentalmente está ligado ao corpo e pressupõe sua assimilação e acumulação: “*é um ter que se torna ser*”. Sua aquisição ocorre de forma dissimulada e inconsciente, sendo difícil separar suas propriedades herdadas e adquiridas. Existe uma lógica social que assegura benefícios materiais e simbólicos aos detentores de um forte capital cultural.

No estado objetivado, existe sob a forma de bens culturais - como quadros e livros - e se define em sua relação com o capital cultural incorporado, uma vez que sua apropriação é o instrumento que permite o desfrute do bem material.

Em seu estado institucionalizado, trata-se da objetivação do capital incorporado sob a forma de diplomas e títulos. Estes são certidões de competência cultural que possuem valor convencional, constante e judicialmente garantido no que diz respeito à cultura erudita.

No âmbito desta investigação, considerando o campo da formação de professores, entendemos que o capital cultural institucionalizado – diplomas e títulos acumulados – nos permite descrever a trajetória profissional neste campo e traz alguns dos espaços por onde circularam as dinamizadoras. O capital objetivado constituiu-se no conjunto de materiais de referência utilizados na elaboração e realização da oficina e representa a fonte de informações a que as dinamizadoras tiveram acesso. Já o capital cultural incorporado, por ser mais subjetivo que os outros dois estados, foi inferido a partir da propriedade com a qual as dinamizadoras transitaram pelos campos científico e pedagógico, tanto nas entrevistas como durante a realização das oficinas. Esta inferência foi baseada na forma de utilização da linguagem verbal e corporal.

Segundo Bourdieu (1983c, 1996), na perspectiva do capital lingüístico, a linguagem é uma práxis, e por isso para ser falada, utilizada em todas as situações possíveis, ampliando seu uso para além da comunicação. Por meio de diferentes práticas, amplia-se o discurso, que será produzido adequadamente às situações em que estiver envolvido. São as relações de produção lingüística nas quais o discurso é produzido, que vão caracterizá-lo. A partir da relação de força simbólica entre dois interlocutores é que vão se estabelecer as transações lingüísticas. Não

procuramos apenas sermos compreendidos, mas também sermos acreditados, respeitados e reconhecidos.

Bourdieu define o discurso reconhecendo as relações de produção e de forças simbólicas que se estabelecem, bem como as leis que regem esse grupo onde ele é constituído, a fim de compreender a presença ou não de determinadas categorias. Assim, de acordo com o mercado lingüístico em que está inserido este adquire um valor simbólico diferente: o discurso sempre tem o valor relativo aos que o utilizam. O autor afirma que o que fala nunca é a palavra mas toda a pessoa social, toda a estrutura social está presente na interação: as condições materiais de existência determinam o discurso por intermédio das relações de produção lingüística que elas tornam possíveis e que a estruturam.

A existência de um determinado discurso relaciona-se diretamente com a o lugar onde ele é produzido e a sua posição no campo. Para compreender como efetivamente acontece essa produção é preciso reconhecer primeiro, “o *habitus lingüístico* do lugar de onde se origina esse discurso”. (BOURDIEU, 1996)

Nesse sentido, em nosso trabalho os agentes sociais – professores formadores de professores – realizam práticas no campo pedagógico, particularmente no campo de formação de professores e circulam em um mercado lingüístico onde está inserido o discurso pedagógico com seus valores simbólicos e um *habitus lingüístico*.

De posse desse referencial de análise delimitamos que, na primeira etapa do processo de apropriação, as condições sociais de produção são definidas pela articulação dos capitais simbólicos das dinamizadoras. Na segunda etapa estão mais diretamente envolvidas as condições reais objetivas da oficina além do capital lingüístico por meio do qual se constróem as relações.

Para fins deste trabalho estamos interessados em discutir essas categorias apenas no que diz respeito às possibilidades de trânsito dos sujeitos da pesquisa pelos campos científico e pedagógico, pois consideramos que estes são os determinantes dos processos de apropriação do discurso científico no contexto da formação continuada.

Nesse sentido, decidimos apresentar as análises de duas oficinas que representam duas possibilidades de trânsito: uma partindo do campo científico - Ciclagem de Nutrientes e a outra – Orientação Sexual – partindo do campo pedagógico.

RESULTADOS

A oficina *Ciclagem de Nutrientes* envolveu a realização de um jogo. Foi concebida na disciplina “Instrumentação no Ensino de Ecologia”, por um grupo de estudantes do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A disciplina é oferecida por professores do Departamento de Ecologia e tem como proposta a elaboração de um curso de formação continuada para professores. Este jogo não ficou restrito ao curso, uma vez que seus dinamizadores o divulgaram em outros espaços como congressos de ecologia, encontros de educação ambiental, encontros de formação continuada e na própria sala de aula onde lecionam.

Nesta análise consideramos apenas as enunciações de uma das dinamizadoras – L. –, pois foi quem esteve com o domínio da palavra a maior parte do tempo. Esta é professora de Ciências da rede municipal do Rio de Janeiro e recém-formada pela UFRJ e vem realizando alguns cursos de atualização oferecidos pela própria Prefeitura. Atualmente, é aluna do curso de pós-graduação *lato sensu* em Ensino de Ciências e Biologia oferecido pelo Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ.

Analisando o mapa de eventos desta oficina, foi possível destacar cinco eventos distintos: 1 - **introdução à oficina** constituída de uma apresentação breve dos dinamizadores; 2 - **dinâmica de apresentação dos dinamizadores e participantes**, que envolveu a descrição das regras da dinâmica e sua realização; 3 - **detalhamento da atividade**, os dinamizadores discursaram um pouco sobre fundamentos pedagógicos da escolha didática, a história de

elaboração do jogo, os recursos e materiais utilizados, regras e organizaram o início da primeira rodada; 4 - **realização do jogo** que contou com rodadas alternadas a momentos de discussão coletiva sobre as ações dos participantes; 5 - **discussão geral**, os dinamizadores e participantes falaram das possibilidades pedagógicas do jogo em sala de aula e de utilização de outros materiais para a realização do mesmo.

Durante o transcorrer da oficina a linguagem utilizada por L segue predominantemente um estilo coloquial, muitas vezes como se estivesse conversando com crianças (entonação, uso do diminutivo e de gírias), principalmente durante os eventos de introdução e dinâmica de apresentação, que nos permite inferir um efeito autônomo do *habitus* e a ocupação de lugares sociais distintos simultaneamente. O efeito autônomo do *habitus* é definido por Bourdieu (1983a) como um deslocamento social, onde as condições nas quais o *habitus* foi produzido não correspondem às condições onde ele funciona. Assim, L traz uma linguagem de seu lugar social de professora do ensino fundamental para um espaço de formação continuada.

Vamos fazer uma rodinha, gente?

Porque aquela coisa de barbante, fala sério, ninguém merece!

A entrevista revelou que ela fala com mais propriedade quando no lugar social de professora do quando no de formadora de professores. Isto é, o padrão lingüístico utilizado corresponde ao de uma professora.

Eu tentei trabalhar isso na minha quinta série e devo dizer que é um desastre atômico, porque com o ensino médio rola bem, rola tranquilo, mas com a quinta série não rola (...).

Nos questionamos se ela de fato ocupa um lugar social na formação continuada de professores, uma vez que quando se refere a este campo se remete a relatos de terceiros.

(...) a princípio foi pra suprir a deficiência dos professores, porque o Renato dizia que os professores não sabem nada de ciclagem, eles acham que é uma coisa completamente diferente (...).

Durante os eventos que se seguem, de uma forma geral, a oficina é marcada por uma forte referência ao discurso científico e a conteúdos das ciências naturais. É possível perceber um trânsito de todos participantes pelo campo científico, expressos nos padrões lingüísticos apresentados, quando conversam e discutem sobre o tema do jogo. Isso se deve ao fato da ciclagem de nutrientes ser um objeto de estudo trazido do campo científico das ciências naturais, bem como o desenvolvimento desta atividade ter sido realizado em um contexto acadêmico.

A partir da entrevista identificamos o capital cultural objetivado utilizado para a elaboração da oficina:

(...) cada um ficava com um capítulo por semana pra ler sobre ciclagem, "papers" diferentes, enfim, pra gente entender o que é ciclagem.

A gente chegou a ter uma aula com um aluno da pós (Pós-graduação em Ecologia da UFRJ), que foi falar de ciclagem pra gente (...).

A capacidade de argumentação, explicação e crítica em relação às ações dos participantes durante o jogo demonstrou que L. tem o capital cultural científico incorporado. Ela fala com precisão de conceitos das ciências naturais como cadeia trófica, elementos químicos que fazem parte da ciclagem de nutrientes, de níveis tróficos, entre outros.

Apenas na entrevista fica clara uma transição entre os campos científico e pedagógico por parte da dinamizadora, uma vez que durante a oficina seu capital lingüístico pedagógico é expresso em poucos momentos, quando relata sua experiência com a atividade em suas turmas. Na entrevista, no entanto, ela argumenta sobre a importância de atividades lúdicas para o ensino de ciências, fala de possíveis abordagens pedagógicas do tema ciclagem de nutrientes, faz críticas ao ensino tradicional e discorre sobre a importância de estender suas experiências bem sucedidas aos professores.

Concluimos, assim, que os espaços de formação por onde L transitou, e transita, se relacionam de forma interdependente com seu capital cultural científico incorporado e objetivado. Essa articulação contribuiu para sua apropriação do tema ciclagem de nutrientes na elaboração da oficina de formação continuada. Entretanto, durante a oficina, ela mobiliza um capital lingüístico próprio do campo pedagógico utilizado em sala de aula, não o articulando com a formação de professores.

A oficina *Orientação Sexual* foi realizada por uma professora (C) que integra a equipe do PFBio, e se constituiu, como revelado durante a entrevista, em uma produção própria a partir de sua experiência e das relações estabelecidas com seus alunos, colegas de trabalho, comunidade escolar e seus colegas de PFBio. Esta oficina vem sendo oferecida em diferentes espaços de formação continuada de professores do Estado do Rio de Janeiro e já sofreu alterações desde a sua primeira apresentação.

Eu sempre tenho um material inicial. Ele vai mudando à medida que os cursos vão sendo realizados. Ou porque eu acho que o professor tá me trazendo, me sinalizando alguma coisa; que nem esse outro curso que eles trocaram material, aí eu incorporei, tirei outro.

Analisando o mapa de eventos da oficina, foi possível perceber que foram discutidas questões relativas à orientação sexual e sua inserção no currículo escolar, como um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Foi organizada em cinco momentos: 1- **apresentação e distribuição dos questionários** de avaliação da atividade; 2 – **discussão e problematização de questões sobre sexualidade**, a partir de frases espalhadas afixadas nas paredes. Histórico da oficina; 3 – **elaboração de um desenho de uma figura humana e construção e apresentação de uma narrativa** a ele associado. Debate sobre a utilização da dinâmica em sala de aula; 4 - **exibição de trechos de vídeos e discussão** sobre o conteúdo científico a eles associado; 5 – Apresentação e disponibilização dos recursos utilizados e outros materiais.

Em todos os momentos o padrão lingüístico apresentado estava associado ao campo pedagógico ou às relações cotidianas. Essa dinamizadora ocupa o lugar social de formadora de professores, pois a todo momento acessa seu capital cultural acumulado em sua prática de formadora, nesse sentido, não há um deslocamento social.

(...) na oficina de EJA são outras questões, os adultos têm outras dúvidas (...). Eu quero mostrar outra coisa. É esse livro de onde tiro as frases, mas podemos tirar essas questões a partir dos alunos.

A apropriação do material se dá de diferentes maneiras, pois utilizou vários recursos didáticos na oficina. O trabalho coletivo aparece como uma marca em seu trabalho e procura sempre estabelecer relações entre as áreas. O conteúdo científico é abordado durante a descrição dos vídeos e nos debates e versa sobre questões associadas à saúde. C. demonstra uma preocupação constante em trabalhar com metodologias de ensino, que possam ampliar as possibilidades do trabalho do professor, disponibilizando vários materiais didáticos como livros didáticos e paradidáticos, textos de revistas e recortes de jornais e vídeos. Além disso, em cada

momento a oficina, esta dinamizadora estava apoiada em uma estratégia que criava diferentes situações didáticas que depois eram discutidas na perspectiva de seu potencial de uso.

Ao discutir os desenhos produzidos e as respectivas narrativas, C. comenta:

Quando fazemos essa atividade com adolescentes eles desenharam a genitália (...). Vocês apresentaram seus personagens vestidos (...). O adolescente vai desenhar completo e perguntar a partir de suas dúvidas.

Desta forma essa dinamizadora, fala do lugar social que ocupa no campo pedagógico de formação de professores e realiza suas práticas apoiada nos capitais social e cultural acumulados neste campo. Não surgem deslocamentos desse campo. Esse não-deslocamento social, que se constitui em um *habitus*, é revelado pela trajetória profissional dessa professora dinamizadora. Formada em licenciatura e bacharelado em biologia, é professora aposentada e lecionou em todos os níveis de ensino, das primeiras séries do ensino fundamental ao ensino superior. Participou desde sua formação inicial em diferentes programas de formação continuada de professores e atualmente é mestre e continua atuando em programas de capacitação continuada de professores. Possui densa experiência na produção de materiais e de situações didáticas

Refletindo sobre a apropriação, percebemos que ela se realiza por meio do capital cultural objetivado acumulado ao longo de sua experiência profissional e que o articula na busca da elaboração de uma metodologia de ensino, essa apropriação vai estar sempre girando em torno de metodologias e materiais.

CONCLUSÕES

Neste trabalho consideramos que existência de um determinado discurso relaciona-se diretamente com o lugar onde ele é produzido e a sua posição no campo das relações sociais. Para compreender como efetivamente acontece essa produção do discurso é preciso reconhecer primeiro, ‘o *habitus lingüístico* do lugar de onde se origina esse discurso’. (BOURDIEU, 1996). Assim, observamos que durante as oficinas são produzidos discursos híbridos, isto significa que encontramos *habitus lingüísticos* do campo científico e do campo pedagógico. No entanto, destaca-se também a hegemonia de um *habitus* em determinada oficina associado às articulações que o dinamizador realiza a partir de seu capital cultural.

Nesse sentido, parece haver um movimento de constituição de um *habitus* a medida que o dinamizador acumula capital social e cultural de um campo e dificuldade de realizar deslocamentos de um campo a outro. Como estamos discutindo apropriações de textos, estes expressões da cultura material de determinados campos sociais, os deslocamentos deveriam ser possíveis. Mas o que se coloca é como realizá-los? Assim, as apropriações se dão no sentido de consolidar um *habitus* de um campo, de fortalecer o lugar social ocupado pelo agente. As práticas sociais realizadas fortalecem as relações constituintes desse campo, pois as lutas concorrenciais se dão dentro do campo no sentido de reproduzi-lo, caminha-se, então para processos de apropriação que são de didatização.

No entanto, como estamos problematizando a formação continuada de professores, que para os pesquisadores da área e pela própria demanda social não pode ser estática, precisamos buscar a desestabilização dos *habitus*. Isto significa propor que haja uma troca intensa entre o campo científico e pedagógico no sentido de possibilitar deslocamentos, ou seja acumulação de capitais social e cultural, oriundos desses campos, pelos agentes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. Gostos de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ R (org); FERNANDES F (coord). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983(a), p.82-121.
- O Campo Científico. In: ORTIZ R (org); FERNANDES F (coord). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983 (b), p.122-155.
- A economia das Trocas Lingüísticas. In: ORTIZ R (org); FERNANDES F (coord). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983 (c), p.156-183.
- Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ R (org); FERNANDES F (coord). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.
- A Economia das Trocas Lingüísticas. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.
- *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- Os três estados do capital cultural In: NOGUEIRA M A e CATANI A (orgs.) *Escritos de educação*. São Paulo: Vozes, 1998. p.71-79.
- O Capital Social – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA M A e CATANI A (orgs.) *Escritos de educação*. São Paulo: Vozes, 1998. p. 67-69.
- GREEN, J. L., DIXON, C. N. & GOMES, M. de F. C. Language, culture and knowledge in classrooms: an ethnographic approach. In *Atas do Encontro Internacional em Linguagem, Cultura e Cognição*, Belo Horizonte, MG (em CD-ROM), 2003.
- MARTINS, I.; JANSEN, M. & TERRERI, L. Mapas de eventos como ferramentas para a construção de dados na pesquisa qualitativa In: *Anais do IV Fórum Internacional de Pesquisa Qualitativa*, Juiz de Fora, MG (em CD-ROM), 2005.
- MARTINS, I. *Textos, sujeitos e discursos: apropriação de textos relacionados ao discurso científico por professores de ciências no espaço escolar e extra-escolar*. Projeto de Pesquisa, UFRJ/NUTES (mimeo.), 2002.
- NUNES-MACEDO, M.S.A.; MORTIMER, E.F. & GREEN, J.L. A constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no primeiro ciclo. *Revista Brasileira de Educação*, 25: 18-29, 2004.
- PRALON, L. & GOUVÊA, G. Oficinas Pedagógicas e a Formação Continuada do Professor de Ciências. In: *Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, Bauru, SP. (em CD-Rom), 2003.

ⁱ Trabalho vinculado ao projeto Textos, sujeitos e discursos , apoio CNPq